

## O Que é ser Surdo? Percepção e Sensibilidade para uma Ontologia da Surdez

*What Is It To Be Deaf? Perception And Sensitivity For An Ontology Of Deafness*

Carlos Henrique Carvalho SILVA  
Doutor em Filosofia (Universidade Federal de Goiás -  
UFG) e professor do Curso de Filosofia da UESPI  
E-mail: [chcarvalho@phb.uespi.br](mailto:chcarvalho@phb.uespi.br)

### Resumo:

Numa breve pesquisa feita através da plataforma de busca Google, elaboramos a seguinte pergunta: o que é ser surdo? Quase que invariavelmente as respostas encontradas relacionam o sujeito surdo à questão da linguagem, reduzindo sua condição humana especificamente na relevância da aquisição da Libras (Língua Brasileira de Sinais) no contexto do mundo vivido. Mas isto não é de fato o que nos propomos a compreender neste texto. Na verdade, o presente trabalho objetiva descrever a partir da ontologia o que significa ser surdo no mundo da vida. Além disso, pretendemos mostrar como a sensibilidade do sujeito surdo se desenvolve e caminha para além das dimensões objetivas e desvelar no mundo do silêncio o lugar de sua fala e exercício de seu perceber e sentir. Para tanto, nos ancoramos no pensamento de Merleau-Ponty (1908-1961), uma vez que sua crítica ao idealismo e realismo, bem como, as teorias do comportamento tem muito a contribuir com esta investigação. Assim, organizamos o trabalho em três momentos: no primeiro, trataremos da noção de percepção surda a partir da experiência do próprio autor do texto, no segundo, articularemos as noções descritivas de sensibilidade a partir da crítica ao pensamento objetivo. Por fim, no último momento procuramos compreender a experiência da surdez como uma condição humana que em nenhum instante pode ser visto como um limitador dos projetos e das nossas ações.

**Palavras-Chave:** Surdo, Percepção, Sensibilidade, Ontologia.

### Abstract:

In a brief search using the Google search platform, we came up with the following question: what does it mean to be deaf? Almost invariably, the answers found relate the deaf subject to the question of language, reducing their human condition specifically to the relevance of acquiring Libras (Brazilian Sign Language) in the context of the lived world. But this is not in fact what we set out to understand in this text. In fact, this paper aims to describe, from an ontological point of view, what it means to be deaf in the world of life. In addition, we intend to show how the sensitivity of the deaf subject develops and moves beyond the objective dimensions and to unveil in the world of silence the place of their speech and the exercise of their perception and feeling. To this end, we will draw on the thinking of Merleau-Ponty, since his critique of idealism and realism, as well as theories of behavior, have much to contribute to this investigation. We have therefore organized the work in three moments: in the first, we will deal with the notion of deaf perception from the author's own experience; in the second, we will articulate the descriptive notions of descriptive notions of sensibility based on the critique of objective thought. Finally, in the last section, we try to understand the experience of deafness as a human condition that can never be seen as a limiting factor in our projects and actions. projects and our actions.

**Keywords:** Deaf, Perception, Sensitivity, Ontology.

## INTRODUÇÃO

O pensamento objetivo ignora o sujeito da percepção. Isso ocorre porque ele se dá o mundo inteiramente pronto, como meio de todo acontecimento possível, e trata a percepção como um desses acontecimentos. (Merleau-Ponty, p. 2014, p. 280).

De início consideramos importante destacar que o ponto de partida desta pesquisa procura contemplar o olhar filosófico de um sujeito surdo<sup>1</sup>, portador de deficiência auditiva bilateral profunda<sup>2</sup>, ao mesmo tempo em que procura desenvolver primordialmente uma compreensão ontológica da sensibilidade surda. Por isso, somos constantemente instados a se questionar: o que pode uma percepção surda? Como esta relação com o mundo da vida é capaz de afetar os contornos da sensibilidade numa trama vidente-visível na qual o surdo passa a ser reconhecido como alguém que vive e “fala” à contingência? Por fim, como é viver a experiência surda em meio ao mundo silencioso?

Antes de tudo, para um exercício de compreensão necessária ao estudo deste tema, consideramos o surdo, o ser ontológico que se descobre na exigência da dimensão existencial, emocional, espiritual, cultural etc., que produz e é produto da historicidade. O surdo jamais deve ser redutível a sua dificuldade ou facilidade de comunicação, uma vez que o silêncio também produz um rastro da fala. Por outro lado, deixamos claro que este trabalho não se trata de mais um que se aporta numa teoria da comunicação ou ainda sobre uma concepção intelectualista da linguagem<sup>3</sup> que vem restringindo as pesquisas no campo da surdez aos estudos de uma língua própria, conhecida no nosso país como Libras<sup>4</sup> (Língua Brasileira de Sinais).

Embora haja o intuito de destacar a importância da língua na construção da cultura comunicativa do surdo, o objetivo aqui é precisamente descobrir quem é este ser surdo que habita o

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar a título de desmistificação, as existências de diversas formas de viver e perceber a surdez, isto é, de uma heterogeneidade da surdez. Da mesma forma que cada pessoa possui uma característica biológica, traços físicos ou de comportamento, elas possuem também um apelo existencial singular e isto é absolutamente válido para o surdo. Em outras palavras é um equívoco extremo falar da pessoa portadora de deficiência auditiva como se todas fossem dotadas do mesmo problema e este se tornasse uma espécie de limitador padrão de suas ações. Na verdade, cada surdo vive, age, faz escolhas objetivas e subjetivas de acordo com as suas potencialidades no âmbito do mundo (social, cultural, econômico) em que está inserido. Um exemplo disso, é que existem sujeitos surdos que falam pela boca e pelas mãos (sim, as mãos são um instrumento de comunicação essencial).

<sup>2</sup> É sempre importante, porém, raro o surdo saber exatamente porque se tornou surdo. Acreditamos que isto seja um fator importante para uma melhor compreensão de sua ambientação no mundo da vida. É preciso também desmistificar a ideia de que a surdez seja uma doença (como um transtorno físico ou psíquico) e afirmar tacitamente que se trata de uma condição. Para Silman e Silverman (1997) existem três tipos de perdas: condutivo, neurossensorial e mista. Atualmente a perda auditiva é classificada em 4 graus: Leve: + 25 a 40 dB. Moderada: +40 a 70 dB. Severa: +70 a 90dB. Profunda: + 90 dB.

<sup>3</sup> É essencial compreender que um estudo da linguagem não deve se comprometer com um mero objetivo de implicar a relação signo-significante, mas ser vista como abertura à experiência. Por isso, utilizamos as reflexões de Merleau-Ponty, pois se trata de um importante autor que empreende uma dupla missão: primeiro, encontrar um sentido no devir da linguagem para em seguida tornar possível à compreensão de que a sincronia não se determine por significações acabadas.

<sup>4</sup> Consideramos sumamente fundamental a existência da *Libras* (que se caracteriza por sua dinâmica gestual-visual) como forma de promoção da acessibilidade comunicacional entre surdos e não-surdos assegurada pela Lei 10.436/2002. Todavia, neste momento não nos deteremos sobre ela.

mundo e divide com os outros surdos e não surdos, as dores e os dramas de uma existência marcada por desafios, escolhas, responsabilidades, sucessos e fracassos.

O homem que filosofia acredita muitas vezes que, quando pensa e afirma, não faz senão exprimir o contato mudo de seu pensamento com seu pensamento, como se fosse desvinculado das circunstâncias; porém, desde que se o considera do exterior, à maneira do historiador da filosofia, ele aparece condicionado por causas fisiológicas, psicológicas, sociais e históricas. (Merleau-Ponty, 1973, p. 21).

Eis aí uma preocupação que colocaremos no cerne da reflexão filosófica, mais especificamente na fenomenologia ao mesmo tempo em que também abrimos o leque para uma nova perspectiva do conhecimento: a da filosofia da Deficiência (DEF) que contempla sujeitos com todos os tipos de deficiências. Para balizar a fundamentação desta pesquisa, tomamos como ponto de partida o pensamento de Merleau-Ponty na medida em que as suas sensíveis e esclarecedoras contribuições merecem uma leitura atenta.

## 1. A PERCEPÇÃO SURDA

O conceito de percepção é longamente desenvolvido por Merleau-Ponty, da *Fenomenologia da Percepção* (1945) ao *Primado da Percepção e suas consequências filosóficas* (1946). Nelas, o autor se posiciona contra o intelectualismo e o realismo, especialmente a teoria consagrada pela *Gestaltpsychologie*<sup>5</sup> que cai no reducionismo ao compreender a percepção como um acontecimento meramente objetivo na ordem da natureza. De fato, Merleau-Ponty critica o dogmatismo do senso comum quando afirma que costumamos extrair certa quantidade de conceitos como por exemplo, o de imagem e do percepção e acabamos por aplicá-los aos fatos psicológicos sem dar a eles um sentido coerente e válido. Por isso, nossa experiência a respeito da percepção corre sempre o risco de excluir outras perspectivas.

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não "habita" apenas o "homem interior", ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. (Merleau-Ponty, 2011, p. 6).

Neste sentido, uma filosofia da percepção deve tomar como ponto de partida a necessidade de ser empreendida pela fenomenologia de Husserl, uma vez que o problema da filosofia primeira não é o do conhecimento, mas o do sentido do ser no mundo, algo inteiramente caro para o pai da fenomenologia.

---

<sup>5</sup> Em *O primado da percepção*, Merleau-Ponty demonstra como esta teoria se propôs a fornecer uma descrição do comportamento do sujeito doente a partir de uma comparação com o sujeito normal e como equivocadamente tratou a surdez, a cegueira e outra forma de deficiência como patologias da percepção, ignorando a singularidade do conhecimento sensível e da inteligência dos próprios sujeitos deficientes. Por isso, o autor considera essencial apresentar a fenomenologia como a ciência e o rigor capazes de renovar o interesse pela psicologia a partir de uma fundamentação crítica dentro dela mesma.

Se ver ou ouvir for afastar-se da impressão para investi-la em pensamento e deixar de ser para conhecer, seria absurdo dizer que vejo com meus olhos ou que ouço com meus ouvidos, pois meus olhos e meus ouvidos ainda são seres do mundo, incapazes, então, de preparar diante deste a zona de subjetividade de onde ele será visto ou ouvido. Não posso nem mesmo conservar alguma potência de conhecer aos meus olhos ou aos meus ouvidos fazendo deles instrumentos de minha percepção, pois esta noção é ambígua, eles só são instrumentos da-excitação corporal e não da própria percepção (Merleau-Ponty, 2011, p. 286-287).

Por isso, a pergunta pelo ser deve levar em consideração uma perspectiva plural. Além disso, as análises fenomenológicas procuram alcançar uma leitura mais criteriosa da psicologia, sem abandonar suas diretrizes e nem negar os seus métodos, muito ao contrário, “trata-se de renovar a psicologia em seu próprio terreno, vivificar seus métodos próprios com análises que fixam o sentido sempre incerto das essenciais fundamentais com as de “representação”, “lembrança”, etc.” (Merleau-Ponty, 2015, p. 19-20).

Assim, iniciar uma compreensão do mundo pela reflexão e não pela percepção nos leva apenas a ver o rastro espacial e temporal das coisas que são fixadas na consciência e nunca sentir as coisas mesmas pelo próprio ato de perceber.

Se a reflexão quer justificar-se enquanto reflexão, quer dizer, enquanto progresso em direção à verdade, ela não deve se limitar a substituir uma visão do mundo por uma outra, ela deve mostrar-nos como a visão ingênua do mundo é compreendida e ultrapassada na visão refletida. A reflexão deve iluminar o irrefletido ao qual ela sucede e mostrar sua possibilidade para poder compreender-se a si mesma enquanto começo. (Merleau-Ponty, 2011, p. 287).

Aquí, fica claro que a posição de Merleau-ponty contraria as expectativas dos defensores<sup>6</sup> de uma teoria da estrutura comportamental do ser humano ao mostrar que antes de tudo, a percepção requer uma originalidade primordial que está intimamente articuladas com a singularidade de cada ser existente. A percepção sempre vem antes de toda e qualquer reflexão, uma vez que conecta-se diretamente, sem intermediário ao mundo e o ser que percebe tem uma abertura primordial antes de estabelecer qualquer noção ou fundamento dele.

Perceber, então, é mostrar como estamos inseridos no mundo, numa natureza, na presença vidente-visível do corpo próprio e animado, à maneira como nos expressamos no entremeio do vivido, exercitando nossa sensibilidade e construindo uma teia de concreções com o nosso arredores. Perceber, não é sentir o conhecimento prévio e objetivo do mundo agindo sobre o ser. É ver, ouvir, falar, sentir e potencializar as sensações ao limite da contigência. “Dizer que sou eu ainda que me penso como situado em um corpo e como provido de cinco sentidos evidentemente é apenas uma solução verbal, já que eu que reflito não posso reconhecer-me nesse”. (Merleau-Ponty, 2011, p. 287).

A partir desta abertura, podemos compreender as análises de Merleau-Ponty exemplificando que o estudo do campo sensorial contempla tanto a surdez quanto a cegueira, uma vez que a

---

<sup>6</sup> Trata-se de Adhémar Gelb (1887-1936) e Kurt Goldstein (1878-1965), dois dos grandes expoentes da Gestalt.

*Gestaltpsychologie* fundamenta o campo sensorial a partir de elementos articulados de uma matéria simples e homogênea, isto é, da necessidade de compreensão básica da profundidade e da forma ou melhor dizendo, de como os sons e as cores – no caso dos surdos e cegos - se articulam a partir do binômio sujeito-mundo.

Por exemplo, a Lei da Pregnância de Max Wertheimer (1880-1943) que é vista como princípio fundamental da teoria da forma (*Gestalt*) sustenta que a relação entre o sujeito e os objetos ao seu redor devem ser percebidas da forma mais simples e clara possível. Na verdade, para eles, o surdo sofreria de uma afasia, tornando-se incapaz de perceber ondas sonoras por conta das perdas de força captativa no seu aparelho auditivo e fonador<sup>7</sup>. Porém, sabemos que o ser surdo percebe o mundo para além do pensamento objetivo. Na verdade, a própria noção de objetividade é muitas vezes estranha a percepção do surdo.

Por isso, é evidente que Merleau-Ponty não concorda com esta noção, uma vez que para ele toda percepção é sempre originária e uma percepção surda não estaria excluída da possibilidade de sentir o mundo auditivo de uma forma heterogênea, assim como uma percepção cega também está de alguma forma atenta a senti-lo o mundo visual. A presença de um conteúdo auditivo e visual para o surdo e para o cego é sempre algo possível e não haveria ruptura de comunicação com o mundo.

Assim como, no sujeito que ouve, a ausência de sons não rompe a comunicação com o mundo sonoro, da mesma forma num sujeito surdo e cego de nascença a ausência do mundo visual e do mundo auditivo não rompe a comunicação com o mundo em geral, há sempre algo diante dele, o ser para decifrar, uma *omnitudo realitatis*, e essa possibilidade é fundada para sempre pela primeira experiência sensorial, por mais estreita ou por mais imperfeita que ela possa ser. (Merleau-Ponty, 2000, p. 440).

Assim, a percepção surda é forjada a partir da própria contingência do sujeito que convive com esta condição e que também perfaz uma perspectiva de compreensão originária do mundo, uma vez que as relações intersensoriais abraçam a con-vivência do surdo com a doação de sentido. Em suma, o surdo carrega em si uma evidência irrecusável: a de ser capaz de experimentar na unidade do mundo a pluralidade do seu ser.

## 2. A SENSIBILIDADE VIDENTE-VISÍVEL DO SURDO

---

<sup>7</sup> Há um imenso equívoco que se popularizou há décadas que consiste em chamar o portador de surdez de “surdo-mudo”. Tal erro de caráter pejorativo ou preconceituoso partiu do princípio de que entre o sistema auditivo (responsável por captar e distribuir o som) e o fonador (responsável pela voz e a fala) haveria uma ligação fisiológica e, por isso, todo surdo seria também mudo. Vendo por um ponto de vista pessoal, é bastante comum quando dialogamos com algumas pessoas, elas se espantarem ao saber que não temos dificuldades para falar e mais ainda, que falamos naturalmente. Na verdade, a pessoa sofre de mudez ou mutismo por um distúrbio psíquico (um transtorno esquizofrênico, por exemplo) ou mesmo por falta de estímulo cultural. Este caso pode ser recorrente em famílias ou culturas que não tem o hábito de conversar entre si. Inclusive é possível descrever relatos de casos de pessoas não surdas que sofreram disso.

As experiências perceptivas visuais e táteis são sem nenhuma dúvida, as marcas expressivas do sujeito surdo. De certo modo, é possível afirmar que a força motriz da experiência de afiliação ou convivência do surdo com o outro (seja surdo ou não-surdo) está na comunicação gestual, visual e labial, no qual o surdo “lê” a palavra que sai da boca do outro). No nosso caso especificamente, desde o início da comunicação, na segunda e terceira infância fomos “habitando” a desenvolver a comunicação a partir do olhar sobre a boca falante do outro a fim de compreender a sua fala e estabelecer os sinais necessários entre o binômio falante-falado. É importante esclarecer que neste período, a Libras ainda não era difundida no âmbito escolar<sup>8</sup>.

É inevitável e essencial ressaltar também que a escola brasileira nos anos de 1980 e 1990 se encontrava vivenciando uma espécie de “Apartheid” educacional uma vez que estava dividida em escola regular e escola especial (de surdos, de cegos, etc.), cada qual com suas características e particularidades metodológicas, comprometendo o reconhecimento da diversidade e tornando ainda mais problemática à inserção de sujeito surdo na sociedade. O reflexo disso é que ainda hoje convivemos numa sociedade repressora e reprimida que tenta inviabilizar a presença do surdo com atitudes paradoxais de piedade e preconceito. Em outras palavras, este tipo de comportamento contribui negativamente para a criação de bolhas sociais dificultando o acesso do surdo aos espaços necessários a sua afirmação como ser humano.

Além disso, mesmo com toda ordem de empecilhos - não se pode ignorar que os fatores econômicos e sociais dificultam o crescimento cognitivo e material de todo e qualquer ser humano, mas se torna mais desafiante ainda para o surdo - foi possível articular o desenvolvimento do campo sensorial através da aquisição e do desenvolvimento de uma linguagem culta e falada.

A estrutura da língua, tal como a estrutura do vivente, não é uma distribuição de fatos cuja representação se faria, de uma vez por todas, por combinações de possíveis. Falar não é, quanto ao essencial, dizer sim ou não, é fazer alguma coisa existir linguisticamente. Falar supõe a utilização da contingência, do absurdo. (Merleau-Ponty, 2000, p. 267).

Neste sentido, a título de enriquecimento da problemática investigada, gostaríamos de compartilhar a posição de Merleau-Ponty a partir da experiência de Hellen Keller, reconhecida como grande educadora e ativista social, sobretudo, por ter sido a primeira pessoa surda e cega a adquirir um sistema de linguagem próprio e contribuiu para o desenvolvimento da comunicação humana ao criar um sistema de linguagem tátil que fazia correlação entre um objeto qualquer e uma palavra correspondente a este objeto que era “lida” através das mãos. Esta experiência, que se baseia na lei da

---

<sup>8</sup> Também é importante esclarecer que no segundo império ocorreu uma tentativa de efetivação de uma Língua Nacional de Sinais no ambiente escolar.

propagação do impulso nervoso, mais conhecida como lei do “*tudo ou nada: consciência e compreensão ou nenhuma linguagem?*”, que foi considerada exitosa pela ciência e pelo próprio intelectualismo, impulsionando o desenvolvimento educacional de uma linguagem de sinais que se adapta a característica particular de cada cultura. No entanto, Merleau-Ponty assegura que “é verdade que essas críticas só se aplicam aos primórdios da análise reflexiva, e o intelectualismo poderia responder que inicialmente se está obrigado a falar a linguagem do senso comum.” (Merleau-Ponty, 2011, p. 66).

Por isso, ao proceder na análise do mundo percebido, Merleau-Ponty vai descartar o pensamento intelectualista questionando se o suposto procedimento exitoso do desenvolvimento da linguagem em Helen Keller pode ser, por exemplo, replicado na mesma medida em qualquer sujeito cego ou surdo.

É preciso apenas precisar a natureza da significação sensível, sem o que voltaríamos à análise intelectualista que mais acima descartamos. E a mesma mesa que toco e que vejo. Mas seria preciso acrescentar, como já se fez: é a mesma sonata que eu ouço e que Helen Keller toca, é o mesmo homem que eu vejo e que um pintor cego pinta? (Merleau-Ponty, 2011, p. 309).

De fato, o autor parece seguro de que a percepção sensível não nos autoriza a demonstrar que uma mesma experiência aplicada em diferentes sujeitos pode gerar resultados iguais. Se isto fosse possível, não saberíamos mais como diferenciar a percepção e a intelecção de cada um. Em outras palavras, toda percepção sensível, bem como a intelectual seria reduzida a uma condição sintética capaz de atender a todos igualmente. E, obviamente, a natureza não comporta este tipo de pretensão padronizadora. Além disso, Merleau-Ponty levanta algumas objeções essenciais sobre o surgimento da primeira palavra e a tomada de consciência da relação signo-significado. Para ele, é intransigível admitir essa possibilidade: que o caso da aquisição da primeira palavra em Helen Keller levaria a um crescimento rápido. Como esclarece Pochelú:

Perceber, falar, imaginar e agir, geram um campo de significado próprio que não pode ser completamente interiorizado através do conhecimento, uma vez que o comportamento é significante e transforma a situação singular da experiência em uma situação típica através da mediação do corpo. (Pochelú, 2012, p. 528).

Neste sentido, cada surdo tem uma capacidade própria de desenvolver seu apelo comunicativo e desvelar a dimensão selvagem de seu ser, também conhecida como princípio bárbaro<sup>10</sup>. Logo, isto implica que na maior parte dos casos, “a primeira palavra é seguida por uma longa estagnação. Como explicar essa estagnação, se a primeira palavra busca realmente uma tomada de consciência geral do

<sup>9</sup> Cf. Merleau-Ponty, 1990, p. 27.

<sup>10</sup> Trata-se de um princípio ontológico que aparece na última obra, *O visível e o invisível*. Na continuidade da crítica que Merleau-Ponty faz à instrumentalização da percepção por parte da psicologia, ele recorre a uma percepção bruta, crua que se opõe a uma percepção cultural. A percepção do ser selvagem está no nível da pré-reflexão, não age e nem segue orientação de uma norma, um padrão ou uma forma e é precisamente esta que busca desenvolver.

signo?” (Merleau-Ponty, 1990, p. 28). Outra objeção levantada parte do fato de Stern admitir que a criança não possui a mesma noção de signo que um adulto, uma vez que para ela, a descoberta do sentido da palavra tem uma conotação fascinante, como por exemplo, ela ser capaz de construir uma relação afetiva com a imaginação, criando, então, uma relação de comunicação íntima e fluída com a natureza da qual faz parte. No desenho, por exemplo, ela abstrai através das imagens construídas uma relevância singular de uma comunicação direta e convincente<sup>11</sup>.

É fundamental perceber que o desenvolvimento do surdo passa principalmente por descobrir no mundo do silêncio o lugar primordial do acontecimento da fala. Sem dúvida, este acontecimento é primordialmente afetado pela presença do outro e o apelo comunicativo que será gestado na tessitura do ser.

### 3. A SURDEZ COMO CONDIÇÃO HUMANA: O SILÊNCIO QUE FALA

O pensamento objetivo permeia e atravessa as relações sociais, por isso, pensar a experiência de um mundo silencioso não é uma tarefa simples. Não é algo com a qual um ser não surdo consegue perceber e conviver tacitamente. O silêncio do surdo não se trata meramente de não conseguir produzir o procedimento linguístico habitual, nem captar as ondas sonoras por um meio de um impulso nervoso, mas sim, de se pôr ante o caráter reflexivo da fala, da própria linguagem e da significação sonora. Em outras palavras, o surdo não procura superar o silêncio como se fosse uma barreira a ser transposta, mas fazer-se do silêncio um modo implícito da fala.

A filosofia é, ela própria, linguagem, repousa sobre a linguagem; isto, porém, não a desqualifica nem para falar da linguagem, nem para falar da pré-linguagem e do mundo mudo que as duplica. Ao contrário, é linguagem operante, linguagem que não pode saber-se a não ser por dentro, pela prática, abre-se para as coisas, chamada pela voz do silêncio, continuando uma tentativa de articulação que é o Ser de todo ser. (Merleau-Ponty, 2009, p. 124).

De fato, o surdo não vive apenas num “Umwelt”, isto é, um mundo particular onde se sente instalado, como numa comunidade de surdos, por exemplo. Mas antes disso, vivemos no mundo habitual construindo os projetos pessoais e naturalmente convivendo com os não surdos. Afinal, todo ser humano se encontra instalado em um ambiente circundante e constrói sua existência, história e cultural num horizonte, cuja ordem fluída e dinâmica atravessa as dimensões instrumentalizadora e

---

<sup>11</sup> Conforme entendimento de Pochelú: “No que diz respeito a influência cultural, o desenho na criança tem uma semelhança tanto com o estilo geral de uma época quanto o estilo comum de uma comunidade, por isso é impossível delimitar os elementos que provêm da cultura e aquelas que são específicas para a criança. Portanto, nas discussões sobre este assunto, há considerações sociológicas que entram em jogo nos debates sobre esta questão, bem como as ideológicas; por sua vez, a assimilação e a difusão artísticas dos adultos têm um impacto no ambiente da criança devido à sua sensibilidade inerente a esta forma de comunicação.” (Pochelú, 2012, pp. 530-531).



institucional da realidade, confrontando ontologicamente o sentido e a “solidez” de sua própria verdade.

Entretanto, quando recorremos as lembranças da infância e até mesmo da juventude notamos uma certa primazia da exclusão ou tentativa de escanteamento nas relações sociais, como se o surdo fosse um ser inferior ou incapaz de estabelecer níveis e formas de convivência. Há um dimensão relevadora desse caráter excludente: a sociedade nunca esteve preparada para ouvir e perceber o outro que não é ela. Na verdade, ela sequer compreende que o surdo não precisa de um manual para ser visto ou entendido e isto revela um problema mais sério nesta exclusão: a de que a sociedade tem uma nítida dificuldade de se expressar com o que ela julga diferente.

Para Merleau-Ponty trata-se da cristalização da consciência mítica (como o preconceito ou a loucura), que tende a acreditar obcecadamente que o surdo é um ser doente (as vezes até diagnosticado pela psiquiatria de forma prematura como esquizóide ou limitado intelectualmente) e demanda muito esforços de cuidados que a sociedade não pretende lidar. Neste caso, o mito do surdo doente e incapaz de construir seu próprio destino é algo incompreensível, porque, primeiramente não se baseia em nenhuma realidade corrente e, segundo, porque esta forma de percepção está presa a um horizonte de objetivações primitivas ancoradas no senso comum e reproduzidas sem a mínima preocupação com os estudos e critérios da singularidade e pluralidade do próprio surdo.

No entanto, é preciso levantar um movimento de superação desse equívoco mítico, uma vez que o surdo é feito do mesmo estofa que qualquer outro ser humano: somos feitos de corpo, carne, osso e sensações, também vivemos num mundo habitual fazendo nossas escolhas singulares e percebendo o que nos cerca desde as primeiras horas da manhã até as últimas horas do dia. Isto é uma abertura para o mundo. “A abertura para o mundo supõe que o mundo seja e permaneça horizonte, não porque minha visão o faça recuar além dela mesma, mas porque, de alguma maneira, aquele que vê pertence-lhe e está nele instalado”. (Merleau-Ponty, 2009, p. 101).

Para Merleau-Ponty há uma espécie de comércio entre o sujeito e o mundo no qual a vida perceptiva não cessa de pulsar.

Não é evidente, precisamente se minha percepção é percepção do mundo, que devo encontrar no meu comércio com ele as razões que me persuadem a vê-lo e, na minha visão, o sentido de minha visão? Eu, que estou no mundo, de quem aprenderia o que é estar no mundo se não de mim mesmo, e como poderia dizer que estou no mundo se não o soubesse? Sem presumir que saiba tudo de mim mesmo, certo, ao menos, que eu sou, entre outras coisas, saber; esse atributo me pertence seguramente, mesmo que tenha outros. Não posso imaginar que o mundo irrompa em mim ou eu nele: a este saber que eu sou, o mundo não pode apresentar-se a não ser oferecendo-lhe um sentido, a não ser sob a forma de pensamento do mundo. (Merleau-Ponty, 2009, p. 41).

Neste sentido, a percepção efetiva uma relação de reversibilidade na medida em que carne e mundo, fala e silêncio se alternam em busca de um sentido. Se por um lado, o silêncio é uma maneira de dizer as próprias coisas ao mundo, por outro, a fala é também um modo de entrelaçar-se ao não dito. Em outras palavras, vivemos ao mesmo tempo o mundo do som e do silêncio numa trama que se enrosca como o fio de Ariadne no qual na medida em que o som se afasta do silêncio, este procura se aproximar dele numa reversibilidade interminável.

Em *A prosa do mundo* (1964), Merleau-Ponty descreve como a linguagem precisa ser sacudida na conversão do olhar do surdo.

Se queremos compreender a linguagem em sua operação significativa original, precisamos fingir nunca ter falado, operar sobre ela uma redução sem a qual ela ainda se ocultaria a nossos olhos reconduzindo-nos ao que nos significa, precisamos olhá-la como os surdos olham os que falam, e comparar a arte da linguagem às outras artes da expressão que não têm recurso a ela, tentar vê-la como uma dessas artes mudas. (Merleau-Ponty, 2012, p. 91)

Assim, o silêncio é ele mesmo, uma forma de comunicação, uma vez que reside uma reconversão na fala. É de fato, uma experiência singular: o entrelaçamento entre o silêncio e a fala traz ao mundo a evidência de que a expressão surge aí projetando o sentido das coisas.

"Que sei eu?" não é apenas "o que é saber?", nem apenas "quem sou?", mas finalmente "o que há?" e ainda "o que é o há?" - e essas perguntas não pedem a exibição de alguma coisa dita que lhes poria fim, mas o desvendamento de um Ser que não é posto, porque não carece sê-lo, porque está silenciosamente atrás de todas as nossas afirmações, negações e até mesmo atrás de todas as questões formuladas, não que se trate de esquecê-las em seu silêncio, não que se trate de aprisioná-lo na nossa falação, mas porque a filosofia é a reconversão do silêncio e da palavra um no outro: a experiência [ ... ] ainda muda que cabe trazer à expressão pura de seu próprio sentido. (Merleau-Ponty, 2009, p. 126).

É essencial destacar que a surdez não define e não delimita nada. Não nos torna objetivo, não aumenta e nem nos diminui no campo dos projetos. Não nos aprisionamos a esta condição, a menos que aceitemos ser aprisionado. Mesmo sem escutar, somos um ser corpóreo e carnal que se abre para a experiência ontológica do sentir e do ver na medida em que a carne aparece no mundo buscando compreender esta trama intrincada entre o silêncio e a fala. "Com a reversibilidade do visível e do tangível abre-se, pois, se não ainda o incorporal, ao menos um ser intercorporal, um domínio presuntivo do visível e do tangível, que se estende além das coisas que toco e vejo atualmente". (Merleau-Ponty, 2009, p. 138-139).

Numa interessante nota de trabalho datada de fevereiro de 1959, Merleau-Ponty sustenta que entre o silêncio e a linguagem resiste uma dialética, onde uma envolve a outra. Somos o tempo inteiro provocado a desfazer esse mal entendido de que entre o silêncio e a fala existe uma forte e inevitável oposição. Na verdade, a fala está tão permeada pelo silêncio que envolve a experiência perceptiva de tal forma que se torna fundamental encontrar nele, o derradeiro sentido da própria linguagem. Portanto, o

surdo diz algo por meio do silêncio e diz também por meio da fala, porque ambas são a afirmação do privilégio da linguagem.

## CONCLUSÃO

O essencial, descrever o Ser vertical ou selvagem como este ambiente pré-espíritual sem o qual nada é pensável, nem mesmo o espírito, e pelo qual nos interpenetramos uns nos outros, e nós próprios em nós para possuímos o nosso tempo. É só a filosofia quem o dá (Merleau-Ponty, 2009, p.192).

Ao longo deste trabalho dialogamos acerca de uma perspectiva filosófica da deficiência, utilizando o pensamento de Merleau-Ponty e alguns breves relatos de nossas experiências. Trata-se de um ponto de vista temático e conceitual novo, é verdade, mas que encontra lastro na fenomenologia e ontologia. Vimos que a surdez é por um lado, refém de concepções formais da teoria do comportamento, e por outro, procura romper radicalmente com teorias que delimitam a estrutura do comportamento do surdo.

Ao desmascarar a “verdade” do idealismo, do intelectualismo e da teoria da forma (*Gestalt*), Merleau-Ponty busca nos oferecer um aporte essencial para o pensamento que foge da delimitação conceitual da percepção e nos abre o leque para uma perspectiva inédita de compreensão, restituindo o sentido originário ao verdadeiro possuidor: os sujeitos que habitam este mundo vivido. O surdo como habitante deste mundo requer uma percepção como modo de abertura e descoberta dos fenômenos originários, uma vez que ao serem percebidos, terão seus sentidos articulados à própria existência daquele que a percebeu.

Conforme vimos, também, há um problema ontológico e fenomenológico dominante: a de que a experiência da fala e do silêncio é determinante na contingência do surdo. Reside aí, a aparição de uma duplicidade natural da linguagem que na reversibilidade se torna uma só: o mundo da fala e a experiência do silêncio se afinam de tal forma que, para o surdo, elas se encontram implicadas uma na outra.

Nisto reside o grande mérito de Merleau-Ponty: procura constituir entre o silêncio e a fala, uma relação ontológica, nem negativa, e nem positiva a fim de fazer uma linguagem capaz de iluminar a percepção e trazer à tona o mundo da existência percebida. Por isso, o silêncio, como muito se pensava, nada tem de negativo, não é mudo e nem marcado pela ausência-presença da fala, mas que revela a interioridade da linguagem. É também a expressividade latente-presente, que pode muito bem falar sem a menor necessidade da palavra. É, portanto, uma linguagem pura que remete a expressão primordial e provoca a sensibilidade do olhar, que se descobre natureza.

Assim, compreendemos por meio do exemplo de Helen Keller e da nossa experiência mesma, que nenhum sujeito, seja ele surdo, cego ou em outra condição não definida, é capaz de produzir o mesmo tipo de percepção, por isso, é preciso reencontrar o tempo inteiro a ressignificação da natureza

do sensível e o lastro da descoberta de sentido que nos envolve no mundo vivido, pois somos todos seres verticais procurando exercitar o pensamento de sobrevoos.

## REFERÊNCIAS

MERLEAU-PONTY. Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY. Maurice. *O visível e o invisível*. Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MERLEAU-PONTY. Maurice. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Trad. Silvio Rosa Filho e Thiago Martins. São Paulo: Autêntica, 2015.

MERLEAU-PONTY. Maurice. *Ciências do homem e fenomenologia*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Edição Saraiva, 1973.

POCHELÚ, Alicia. Merleau-Ponty y la presencia del sentido em la conciencia infantil. In: RAMÍREZ, Mario Teodoro. *Merleau-Ponty viviente*. Barcelona: Anthropos Editorial / México: Universidad Michocana de San Nicolás Hidalgo, 2012.

SILMAN, S.; SILVERMAN, C. A. Basic audiologic testing. In: SILMAN, S.; SILVERMAN, C. A. *Auditory diagnosis: principles and applications*. San Diego: Singular Publishing Group; 1997. P.: 44-52.

SILVA, Carlos Henrique Carvalho. *Fenomenologia e natureza em Merleau-Ponty*. Goiânia: UFG, 2022. Tese (Doutorado).



SILVA, Carlos Henrique Carvalho. O Que é ser Surdo? Percepção e Sensibilidade para uma Ontologia da Surdez. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.3, 2024, eK240XX, p. 01-12.

Recebido: 02/2024

Aprovado: 04/2024